

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DIRK BOGARDE – ATOR DAS SOMBRAS
4 e 7 de outubro de 2021

THE SLEEPING TIGER / 1954

(*A Fera Adormecida*)

um filme de Joseph Losey

Realização: Joseph Losey (creditado como Victor Hanbury) / **Argumento:** Harold Buchman, Carl Foreman, baseado no romance de Maurice Moisevitch / **Fotografia:** Harry Waxman / **Música:** Malcolm Arnold / **Som:** Harry Booth / **Direcção Artística:** John Stoll / **Montagem:** Reginald Mills / **Interpretação:** Dirk Bogarde (Frank Clemmons), Alexis Smith (Glenda Esmond), Alexander Knox (Dr. Clive Esmond), Hugh Griffith (Inspector Simmons), Patricia McCarron (Sally Foster), Maxine Audley (Carol), Glyn Houston (Bailey), Harry Towb (Harry)

Produção: Victor Hanbury Productions (Insignia Films), Anglo-Amalgamated Films, Astor Pictures Corporation, Stuart Levy / **Produtor:** Joseph Losey / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 89 minutos / **Estreia mundial:** Reino Unido, 21 de Junho de 1954 / **Estreia em Portugal:** Cinema Roma, 3 de Fevereiro de 1961

Várias histórias de Joseph Losey podem ser definidas como experiências de laboratório. Esta sua primeira obra inglesa é certamente uma delas. Tal como os cientistas põem ratinhos a experimentar drogas, Losey escolhia enredos sobre cobaias sociais, quase sempre homens de baixa condição mas sexualmente atraentes. *The Servant* (1963) é o filme mais conhecido, mas existem outras variações sobre esse tema, como por exemplo *Blind Date* (1959).

The Sleeping Tiger (1954) assume a sua estratégia de uma forma radical: a própria matéria de trabalho é uma experimentação social. Em vez de querer um ladrão que o assaltou atrás das grades, um médico forense decide ficar com ele, numa espécie de prisão domiciliária que é também uma convivência forçada. Frank (Dirk Bogarde, que aqui se estreia no universo Losey) é ao mesmo tempo um convidado, um prisioneiro e uma cobaia humana. O Dr. Esmond (Alexander Knox) quer ter o seu objecto de estudo ao pé de si, como se fosse um esqueleto ou um cadáver embalsamado; e quer também agir sobre ele, exercer a famosa «recuperação» do marginal para a sociedade «decente». O bom doutor não acredita na repressão, mas numa mistura periclitante entre psicanálise, socialização forçada e boas maneiras. O objectivo é que aquele homem que entrou como ladrão saia como cavalheiro. Um processo que seja ao mesmo um benefício para a sociedade e uma vitória pessoal para o Dr. Esmond.

Losey era progressista mas não ingénuo. A «reinserção social», pelo menos nesta versão atabalhoada, está condenada ao fracasso. Não porque seja mais eficaz ou ineficaz do que a repressão, mas certamente porque é bastante irresponsável, no seu

humanismo tolo. O Dr. Esmond pretende recuperar Frank, em sua própria casa, esquecendo que a classe social e o desejo sexual são mais desestabilizadores que qualquer crime. A tensão permanente criada por Frank em casa dos Esmond não nasce da sua condição (evitável ou inevitável) de ladrão, mas da sua condição de proletário lascivo, sem paciência para hipocrisias sexuais e protocolos sociais. O Dr. Esmond faz a sua experiência sem pensar bem na Sra. Esmond (Alexis Smith), que ainda por cima não é uma esposa fiel e obrigada mas uma mulher interessante, provocante e vivida. O Dr. Esmond namora com o desastre, e tem o desastre que namora.

O médico sobrevaloriza o seu método e subvaloriza o seu «paciente». Bogarde é tudo menos manso. Ninguém o manipula: ele é que faz gato-sapato de toda a gente, exibindo uma confiança sarcástica e quase agressiva. Nem por um momento Frank espera ser «reabilitado», e passa grande parte das suas «consultas» a mentir sobre o seu passado e a sua vida mental, evitando cair em categorias muito previsíveis, muito bem definidas, na mente muito arrumadinha e positivista do dr. Esmond. Na verdade, a achar alguma coisa sobre aquela experiência, Frank acha que os comportamentos são inatos, que a «natureza humana» é inata, mas que a natureza humana importa pouco quando se vive numa sociedade tão classista. Lembremos que Losey foi para a Inglaterra porque estava na «lista negra» em Hollywood, suspeito de simpatias comunistas. Há uma pulsão radical nas personagens feitas por Bogarde para Losey, uma costela mais cínica que marxista mas ainda assim muito crítica do tecido social inglês. Mesmo que a política se jogue noutros tabuleiros que não os ortodoxamente políticos. Como o sexo.

Desde o início fica claro que esta experiência laboratorial incidirá não tanto sobre o «irreformável» Frank mas sobre a inesperadamente frágil Sra. Esmond. Ao contrário do marido, ela não acredita na «reabilitação», entra naquele jogo a contra-gosto, aceitando aos poucos a insolência de Frank («*Mrs. Esmond is a great ride*», diz ele depois de uma aula de equitação nada subtil). Quem vai «mudar» é ela, ou antes, é ela que vai aceitar a sua natureza e cair verticalmente no vício. O título português fala numa «fera adormecida», o que é uma ideia curiosa, sobretudo se remeter para a «fera amansada» shakespeariana. A Sra. Esmond é que é a fera aqui, é ela quem será «amansada» ou «adormecida». É ela quem será salva ou destruída. Frank é apenas a cobaia que faz dela uma cobaia.

Pedro Mexia